

REGISTROS DA POÉTICA FRONTEIRIÇA URBANA NA OBRA DE PEDRO DE MEDEIROS

Registro de la Poética Fronteriza Urbana en la Obra de Pedro de Medeiros

Lucilene Machado Garcia ARF*

Resumo: Esta proposta tem como foco o estudo das representações espaciais da cidade de Corumbá, fronteira com a Bolívia, encontradas na obra de Pedro Paulo de Medeiros. Seus poemas e crônicas apresentam o espaço como um lugar de muitos significados, uma vez que é perpassado pela vivência e pelo registro poético de seus costumes, preferências, rotinas e trajetos no município fronteiriço. Amparam a pesquisa os estudos voltados a questões entre a literatura e o espaço como os de Bachelard (1993 e 2001), Paz (2012), Jobim (2005), Cândido (1995) e Cordeiro (2008).

Palavras-chave: representações espaciais, literatura, cultura, Corumbá.

Resumen: Esta propuesta tiene como enfoque el estudio de las representaciones espaciales de la ciudad de Corumbá, frontera con Bolivia, encontradas en la obra de Pedro Paulo de Medeiros. Sus poemas y relatos presentan el espacio como un lugar de muchos significados, una vez que está atravesado por la vivencia y el registro poético de sus costumbres, preferencias, rutinas y trayectos en el municipio fronterizo. En el marco de la investigación, los estudios se centran en cuestiones entre la literatura y el espacio como los de Bachelard (1993 y 2001), Paz (2012), Jobim (2005), Cândido (1995) y Cordeiro (2008).

Palabras clave: representaciones espaciales, literatura, cultura, Corumbá.

Introdução

A literatura trabalha com as representações espaciais, o que significa uma complexa estrutura que atua diretamente com a realidade, porque, diferentemente da história, a literatura apresenta os espaços dentro de uma poética gerundista: a narrativa acontecendo. Este trabalho tenta expor reflexões e motivações sobre a noção de representação do espaço na obra do escritor sul-mato-grossense Pedro Paulo de Medeiros. O que se busca é construir um alicerce que sustente a experiência de uma leitura compartilhada e sistematizada nas possibilidades oferecidas pelas representações espaciais e nas imagens poéticas utilizadas para recriar possíveis aspectos da realidade físico-humana, perpassados pela vivência e pela fantasia do escritor.

* Doutora em Teoria da Literatura/Tradução-UNESP. Mestra em Literatura e Estudos Culturais-UFMS. Professora Adjunta UFMS/CPAN-Programa de Mestrado Estudos fronteiriços.

Segundo Bachelar (1993, p. 14), em *A poética do espaço*, essa fantasia imagética, na composição do poema, remete a elementos psicologicamente complexos que tem o poder de associar a cultura, mais ou menos distantes, ao ideal literário de um tempo e outros elementos que uma fenomenologia completa deve levar em conta. Um grande verso pode ter grande influência sobre a língua e despertar imagens apagadas.

Muitos foram os escritores que deixaram impressas em suas obras a observação do meio, mesclando traços da realidade e do imaginário na composição de um novo ambiente, carregado de subjetividade. São apontamentos que apresentam, às vezes, o lado obscuro, o lado marginal, aquele lado não valorizado ou não observado pela maioria das pessoas. Podem ainda criar um espaço ideal, evocar atmosferas metafóricas ou sugerir lugar algum. Esse olhar espacial para a literatura é capaz de produzir detalhes que, organizados e sistematizados no texto, podem ser importantes fontes para a compreensão da representação de um tempo e da organização do espaço, contribuindo e enriquecendo as análises literárias.

Chama a atenção na obra de Pedro Medeiros a forma como o autor utiliza o espaço, por isso nosso interesse em analisar e interpretar a representação do espaço geográfico urbano da cidade de Corumbá, por intermédio da leitura e estudo de seus textos. Para este artigo, escolhemos alguns poemas em que há

registros da configuração do espaço físico de maneira poética, uma forma particular de ver e entender a cidade.

Para Milton Santos (2008, p. 322), o lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade. Se, por um lado, temos os dados provenientes da realidade, por outro, o agir humano é permeado pelos aspectos simbólicos e afetivos; daí decorrem as variantes na forma como o espaço é percebido e certamente interferem na maneira como ele é expresso. Explorar essa espacialidade é ir além de revelações físicas, como o conjunto arquitetônico de casas e prédios, ruas, praças e da paisagem exuberante, como é a de Corumbá, composta por montanhas, pantanais, rios... mas também é descobrir sentimentos e como os atores desse tempo se relacionavam com os lugares frequentados ou recriados dentro da imaginação do poeta.

A poética de Pedro Paulo de Medeiros

Pedro Medeiros não publicou livros em vida. O resgate de sua obra foi feito em 1967, por seu filho Djalma de Medeiros e prefaciada por Castro Brasil, da então Academia Mato-grossense de Letras. Atuou em várias vertentes artísticas e os frutos dessas produções ficaram dispersos. Alguns poemas e crônicas foram publicados em jornais do estado, outros eram lidos nas rádios da cidade. De modo que todos os gêneros, testados pelo autor, foram agregados em uma só publicação, podendo o leitor ler poemas, crônicas, contos e discursos num mesmo livro, bem como algum tipo de depoimento de amigos e críticas que consideravam as implicações da época. Críticas elaboradas a partir de um objeto e não pelo conjunto da obra. Contudo, delineava-se um debate acerca de uma literatura mato-grossense, atenta ao lugar onde esta nascera. Podemos registrar, inclusive, ser um discurso em torno de uma literatura produzida na região oeste do que hoje é o estado de Mato Grosso do Sul.

Segundo o escritor e crítico Paulo Nolasco, “quando escrevemos estamos em tal e qual lugar no mundo e a partir dele enunciamos, e é desse lugar, portanto que escrevo” (2012, p. 52), o que nos leva a considerar que o lócus de enunciação é íntimo e particular, e a partir dele é que se abrem veredas numa região de fronteira cheia de atrativos nos anos 20/30 e com a efervescência de uma cidade considerada uma das mais importantes do estado.

Medeiros nasceu em Corumbá em 25 de novembro de 1891, filho do Cel. Pedro Paulo de Medeiros que militou também na política chegando a ser prefei-

to da cidade, e de D. Maria Santa Cruz Monteiro. Ingressou no serviço público federal mediante concurso para escriturário no Ministério da Fazenda e se casou com Elvira Claderón de Medeiros em 10 de outubro de 1917, em Cáceres. Tiveram 7 filhos; morreram os dois primeiros. O poeta, em cotejo, faleceu em 12 de abril de 1943, com 52 anos de idade. Era dono de uma alma boêmia e amante da música, deixando narrativas inusitadas acerca de sua prática como músico que são repassadas oralmente por antigos moradores do município, como também por familiares que preservam sua memória como de pessoa autêntica e de grande valor cultural, transformando-o em um personagem de seu tempo.

O escritor assumiu o cargo do Primeiro Escrivão da Alfândega de Corumbá e era um conhecedor dos mais variados estratos do povo da região, pois acompanhou, de dentro, o desenvolvimento da cidade e, foi dessas diversas camadas sociais que emergiram seus poemas, contos e crônicas. Sobre o surgimento da cidade escreve em Lenda Boróro:

E Corumbá surgiu, por sobre a terra branca,
na alegria sem par do gentil casario,
entre o verde dos montes, - no alto da barranca,
debruçada a sorrir sobre o espelho do rio...

(MEDEIROS, 1967, p. 11)

O poeta fala da cidade, não geograficamente, mas da cidade filtrada pela subjetividade e que representa uma perspectiva, uma mimese interna a partir do que foi visto e vivido no externo, resultando o que convenciamos chamar de imagem, que é fruto do trabalho artístico do poeta com a palavra, ainda que as palavras utilizadas no texto estejam próximas da linguagem cotidiana. São incorporados novos significados às significantes, de modo que a organização das frases recebem um novo valor significativo. A cidade ganha ares humanos com a incorporação de adjetivos também humanos, como a personificação criada com a junção de gentil ao substantivo casario. A cidade passa a ser vista como uma mulher que sorri debruçada sobre o espelho do rio. A mulher que é vista e que se vê em seu próprio reflexo. Do que se pode depreender, uma cidade narcísica, vaidosa. Para Bachelar (2001),

Os poetas, em seus devaneios cósmicos, falam do mundo na linguagem do mundo. As palavras, as belas palavras, as grandes palavras naturais, acreditam na imagem que as criou. Um sonhador de palavras reconhece numa palavra do homem aplicada a uma coisa do mundo uma espécie de etimologia onírica. (BACHELARD, 2001)

O poema, com traços modernos, reconhece a existência subjetiva do mundo objetivado e a posição do sujeito diante da realidade e de suas emoções íntimas, a inserção de palavras prosaicas, os elementos urbanos, como os casarios, bem como

a estrutura do poema que não obedecem aos padrões parnasianistas da época, são fundamentais para caracterizar a poesia modernista brasileira e os rumos que esta tomaria. E o espaço, como objeto de poesia, é o fruto do interesse do poeta pelo lugar, de modo que a representação da cidade, como todo o conteúdo social de uma obra de arte, é intrínseco a seu lócus enunciativo. Segundo José Luis Jobim (2005),

Um lugar é constituído por redes públicas de sentidos, formadoras de subjetividade. Nele se constitui interpretações públicas simbolicamente mediadas, inclusive sobre o sentido deste lugar e sobre o que significa estar inserido nele. (...) Em outras palavras, o lugar é sempre fonte de pré-concepções que, de alguma maneira, contribuem para a elaboração do nosso dizer, pois nele se situa o sistema de referências -, incluindo determinado universo de temas, interesses, termos, etc. – sistema que sempre já estabelece um limite dentro do qual nosso campo de enunciação se circunscreve (JOBIM, 2005, p. 45.).

O interesse de Medeiros por Corumbá foi bastante significativo. Segundo o poeta J. G. de Araújo Jorge, foi Medeiros quem cunhou o termo “Cidade Branca” para Corumbá. Na ocasião dos Jogos Florais, em 1968, em que participou como jurado, teceu o seguinte comentário:

Corumbá Cidade-Branca, como a chamou seu poeta maior, Pedro de Medeiros, repousa sobre um vasto e alvo lençol calcáreo, que desponta aqui e ali, manchando o chão, e que se pode ver, nos cortes dos morros, quando se chega à cidade pelo rio. Então parece uma baía fluvial, com cidade alta; uma rente ao cais, com sobradões coloniais e armazéns; outra, no alto, por trás do renque de palmeiras imperiais perfiladas na Avenida Marechal Rondon. (ARAÚJO JORGE. Primeiros jogos Florais de Corumbá, 1968)

No poema “lenda Boróro”, talvez o mais conhecido de seu trabalho, torna-se perceptível a relação que o poeta estabelece com a cidade na retratação de sua estética. A cidade é um registro, uma materialização de sua própria história, de sua própria experiência humana como uma arquitetura belíssima capaz de durar e permanecer no tempo.

Em outro poema, Medeiros desmistifica a figura dos transeuntes, das infinitas formas do sujeito que habita o contexto urbano e suas relações recíprocas. No poema a seguir, ele mostra a vida acontecendo, embora recorra às lembranças instaladas na memória:

Esta viagem que eu faço agora
Pela estrada de ferro, é parecida
Com a viagem que foi feita outrora,
- mal eu despertara para a vida
(...)
Num único vagão,
Sem que ninguém protestasse,
Gente de toda classe
Andava em confusão. (p.47)

Considerando a modernidade histórica da época, Corumbá vivia um momento de transição, de mudanças sociais, de expansão do comércio, das relações monetárias, do mercado, dos modos de produção, importação e exportação e, em consequência o crescimento da cidade, da vida urbana e da população. O eu lírico observa, dentro do trem, as classes sociais em confusão. Há uma relação interna entre ele e o urbano. O trem de ferro, que existe como ferramenta democrática, capaz de abrigar todo e qualquer cidadão, sem diferenciação de vagão. A realidade do trem, da cidade, do urbano passa a compor uma estrutura literária especificamente na cidade-espaço, compondo também uma organização estética. Ainda que se trate de um poema ficcional, é um texto que pode falar da cidade, ou mesmo, implicitamente, descrevê-la. No entanto, o espaço é subjetivado e torna-se um relato sensível dos modos de ver esse espaço que existe como lugar e como metáfora. Para Renato Gomes Cordeiro (2008, p. 24) “o texto é o relato sensível das formas de ver a cidade; não enquanto mera descrição física, mas como cidade simbólica que cruza lugar e metáfora produzindo uma cartografia dinâmica, tensão entre racionalidade geométrica e emaranhado de existências humanas”.

Medeiros fotografa essa tensão, se posiciona como um poeta sensibilizado com a situação da vida urbana corumbaense e à sua maneira a representa nesse espaço. Nesse período, entre os anos 20 e 30, vários poetas modernistas brasileiros passam a utilizar como tema a cidade e seu contexto urbanístico. O próprio Bandeira, Drummond entre outros, exercem essa prática poética. No entanto, o poeta corumbaense não explora os recantos de uma cidade grande, industrial, mas uma cidade interiorana, situada estrategicamente entre dois países, daí sua importância, e que até hoje conserva traços descritos de sua juventude. Porém, não mais o trem de ferro. Foi um estilo de vida que se perdeu com a substituição do transporte realizado pela rodovia. Por meio da poesia, podem ser evidenciados os modos como cada um se relacionava com esse espaço, assinalando com isso o avanço ou o retrocesso não só da cartografia da cidade em relação à modernidade, como também com a política mercantilista e aspectos culturais. Não é a cidade construída por tijolos e concreto, mas a cidade construída com palavras, cujo propósito é manifestar aspectos vivenciados, experienciados, representando impressões atravessadas pela subjetividade. Para Otávio Paz,

Um poema que não lutasse contra a natureza das palavras, obrigando-as a ir além de si mesmas e dos seus significados relativos, um poema que não tentasse fazê-las dizer o indizível não passaria de simples manipulação verbal. O que caracteriza o poema é sua necessária dependência da palavra, tanto quanto sua luta para transcendê-la (PAZ, 2012, p.191).

A viagem que o eu lírico faz, pela estrada de ferro, é muito parecida com a que fez quando mal despertou para vida, o que mostra a recorrência do poeta à

memória da infância. Bachelard (2001, p. 95) afirma que em nossa infância o devaneio nos dava liberdade e que continuamos a pensar na liberdade tal como a sonhávamos quando éramos crianças e que habitamos melhor o mundo quando o habitamos como a criança solitária habita as imagens:

Uma infância em potencial habita em nós. Quando vamos reencontrá-las em nossos devaneios, mais ainda que na sua realidade, nós a revivemos em suas possibilidades. Sonhamos tudo o que ela poderia ter sido, sonhamos no limite da história e da lenda. (BACHELARD, 2001, p. 95).

Os versos do poeta corumbaense, em diálogo com a infância, supõem a necessidade de transformação, tramada pelos limites estéticos vivenciados historicamente e, talvez, preparando terreno para exploração de paradigmas utópicos, entre eles o sonho de uma sociedade evoluída, sem preconceitos e sem desigualdades. O fato é que do ponto de vista social, os problemas estruturais são profundos e crescentes, e os valores burgueses de então permanecem em detrimento à marginalidade das sociedades periféricas.

Entrelaçados à poética de Medeiros subsistem processos históricos, redes de sentidos que constituem a cultura pública na qual ele está inserido. Castro Brasil, prefaciador do livro de Medeiros, agora objeto de pesquisa, adverte ainda em 1967: "... Quem quiser conhecer um pouco do passado da Cidade Branca, - sua vida social, suas lutas políticas, suas dificuldades administrativas, seus homens e suas coisas, suas peculiaridades, enfim, - leia as páginas de Pedro Medeiros, enfeixadas neste livro" (BRASIL, 1967). Embora, as cidades exploradas na poesia sejam outras cidades, esteticamente construída, não podemos considerá-las apenas representação visual, mas pode ser apresentada como um objeto com questões externas à obra. No fragmento do poema, que relato a seguir, apresentado sem nome, como grande parte deles, foi declamado pelo autor, à chegada em Corumbá, da Caravana do 'Centro Ipacarahiense' de Assunção – Paraguai. O poema é uma efusiva saudação aos paraguaios que chegam ao Brasil para trabalhar com o mate-laranjeira:

Sabemos que ali perto, o Paraguai é um povo
que honra sobremaneira ao Continente Novo;
Sabemos que o trabalho é o crisol paraguaio
e que a civilização já não é um ensaio
para o povo feliz que aqui representais
na pompa que aprimora os vossos laranjais!
Vereis neste maciço que é de pedra e cal,
mensagemiros da fé que irmana um mesmo ideal,
o quanto admiramos a vossa cultura!
(MEDEIROS p. 51 e 52)

Neste caso a cidade não é propriamente o conteúdo do poema, o material é a memória das vivências no espaço geográfico. Imagens que podem ser visuais ou auditivas, pensada na sua articulação com a sociedade e com os valores simbólicos que lhes é atribuído. A partir dos dados do poema podemos presenciar os acontecimentos, no caso, uma relação amistosa com os trabalhadores paraguaios que vem ao Mato Grosso para trabalharem no cultivo do mate-laranjeira. Embora o poema seja uma saudação efusiva ao povo paraguaio, apresenta marcas de um espaço e um tempo por ele delineado.

A história da erva-mate, que não será aprofundada aqui, é formada de elementos e personagens não muito agradáveis. É uma história de explorados e exploradores. Muitos textos denunciam a luta do homem com a terra e a miséria humana peculiar à extração da erva-mate em território brasileiro. Os paraguaios, que aqui vieram para desenvolver esse trabalho braçal, ficavam a mercê dos desmandos dos patrões e tudo o que isso implica. A legislação trabalhista não existia e, inclusive crianças realizavam um trabalho de 10h por dia. No entanto, o que Medeiros efetiva em seu discurso-poema é uma espécie de exaltação ao trabalho dos vizinhos, pelos quais professa profunda admiração, sem aludir a qualquer tipo de enfrentamento.

É um poema aos moldes do romantismo que idealiza uma paisagem, ou uma situação, utilizando-se de palavras rebuscadas para proclamar um discurso com tom nacionalista tardio, colocando o interesse de ambos os países em primeiro lugar. O tom conservador, a estrutura apresentada em rimas de dois versos, bem como a composição vocabular contrariam os princípios modernistas contidos no poema anterior. No entanto, as particularidades desse encontro, bem como suas representações, respondem ao contexto histórico da fronteira e à vontade de superar os efeitos diversos. Conforme salienta Bakhtin (2002, p.51), a palavra como matéria de poesia, como componente estético é fruto de um “processo de realização do objeto estético, ou melhor, da tarefa artística na sua essência, é um processo de transformação sistemática de um conjunto verbal, compreendido linguística e composicionalmente, no todo arquitetônico de um evento esteticamente acabado”.

Mas o Paraguai continuará sendo objeto poético de Pedro Medeiros. O poema “13 de Junho”, estruturado ao estilo épico, com oito capítulos, tem como tema a guerra do Paraguai e está dedicado “Aos heróis da retomada – preito de gratidão” e mais abaixo “A Corumbá – meu berço e túmulo de meus pais”.

Os versos falam da guerra a partir de Corumbá como um espaço onde esta é tramada, onde se discute e se emite opiniões, mais que isso, é a representação da Pátria brasileira. Os soldados vêm de Cuiabá, cruzam o rio Paraguai e rumam

para Corumbá. Dessa feita, o Paraguai passa a ser o inimigo e os soldados brasileiros os heróis dessa saga épica que exigirá do autor o domínio da narrativa, ainda que em versos:

13 de Junho

(canto VI)

Duas horas da tarde... a terra é um autoclave
e à inclemência do sol, nem as asas de um'ave
singram no espaço azul a abóbada infinita.

No arvoredo, seque uma folha se agita...

É a madorra da sesta. O ar parado é morno,

Como que hipnotiza a natureza em torno

À muda serrania, estática, indolente...

E a tropa marcha altiva, olhando sempre à frente!

Fantástico escalão! A força da vanguarda,
da qual cabe o comando a Craveiro de Sá,
um casario avista! Eis Corumbá! Não tarda
a voz da redenção! – Corumbá! – Corumbá!...

(MEDEIROS, p. 60)

Embora o poema em sua completude seja merecedor de análise, apenas vamos focar na parte espacial em que o eu lírico se remete à Corumbá. É certo que o poema chama mais a atenção por estar referendado pelos fatos históricos verídicos do que pela sua construção. A história, como diz Antonio Cândido (2010) acaba por interessar mais pelo ponto de partida, pela vida e pelo mundo do que pelo texto como ponto de chegada. Segundo ele, os críticos estão mais centrados no resultado, no comportamento ou modo de ser que se manifestam dentro do texto porque foram criados a partir de dados da realidade exterior ao texto. E a história da guerra do Paraguai é um assunto que por muito tempo predominou tanto nas conversas de botequim quanto nas conjunturas políticas, científicas e filosóficas. Hoje, a nova geração busca a memória do que foi esse passado ainda que subjetivada em poemas.

O poeta, nesse fragmento utilizado para a representação da cidade como espaço poético, fala de uma Corumbá redentora, como se nela os soldados pudessem descansar de todo cansaço imposto pelas agruras da terra. Otávio Paz (2012, p. 210) ao tratar especificamente de poesia e história, afirma que “o homem ante a invasão do acaso, não pode fazer nada senão refugiar-se em si mesmo ou criar uma cidade ideal”. Corumbá passa a ser essa cidade ideal, a cidade do repouso. O calor impresso nos versos anteriores, o sol inclemente das 2h da tarde é apenas

uma referência ao clima. O sol escaldante que impede os movimentos das aves e o movimento das folhas desarquiva da memória a lembrança feliz de que se aproximam da cidade. O que vai ao encontro do que afiança Paz (2012, p. 232) “Os heróis da epopeia estão bem instalados no seu universo e por isso as relações que mantêm com sua sociedade são as relações naturais da planta com a terra que lhe é própria”. Medeiros retoma o modelo épico obedecendo as características que são impostas a esse em sua construção.

Embora se trate de um poema fundado nas reminiscências do eu lírico, o tempo verbal predominante no poema é o tempo presente, como se num mesmo processo o eu fosse transportado para o passado e o passado transportado para o presente. A memória vincula as imagens criadas para representações da cidade, como assegura Bachelard, memória e imaginação são indissociáveis, ambas constituem uma junção da lembrança com a imagem. De acordo com seus princípios, podemos assim transmitir toda a elasticidade psicológica de uma imagem e, pela escrita dos poemas, talvez mais do que pelas lembranças, poderemos chegar ao fundo poético do espaço da casa, pois todo espaço realmente habitado traz a essência da noção da casa (Bachelard, 1993, p. 25-26). E, se a memória e imaginação são indissociáveis, como conclui Bachelard, no mesmo sentido conclui Gomes (2008, p.46) que “a memória condiciona a leitura da cidade (...). a relação homóloga entre a cidade e a memória faz-se, portanto, pela redundância, pelo repetível, marca de experiência”.

Assim, podemos reconhecer que a memória e a cidade, presente em suas obras poéticas são dois aspectos bastante fortes. A partir de sua memória pessoal ele resgata a memória coletiva da cidade, apresentando em sua obra uma dimensão coletiva de memória e uma poética ligada às experiências de sua própria realidade e à realidade da história em que esta esteve inserida.

À guisa de conclusão

As interpretações e conclusões a que chega Medeiros, enquanto autor, ocorrem em um tempo e em um lugar histórico. Esse lugar não é apenas um ponto de partida e seus modos de pensar a literatura, embora esteja dentro de redes discursivas em que as ideias circulantes têm uma complexa relação entre si e a comunidade. Ainda que a linha de produção assentada na memória e construções imagéticas dos espaços da cidade seja preponderante em sua poesia, é preciso considerar sua capacidade de relacionar memória e imaginação. A análise não pretendeu explicar a vida do poeta por meio de suas produções, mas sim analisar como suas vivências se manifestam no texto. O espaço vivido, como tudo que o compõe, são

conteúdos de poesia, como histórias da cidade, suas lendas, costumes, pessoas folclóricas, os objetos da cidade, os casarios, o comportamento, conservadorismo social, a paisagem... tudo pode ser matéria de poesia. A memória pessoal do poeta se abre para o outro, para a realidade de sociedades que compunham a sociedade brasileira do final do século XIX e início do século XX.

As considerações acerca de seu estilo poético passa pelo romantismo, realismo e adquire um tom modernista dialogando com o confessional, emocional e subjetivo ligados à conjuntura social e valores culturais. O tratamento dado à poesia por meio da subjetividade funda-se em suas vivências e experiências pessoais e, por consequência, na memória.

Quanto ao espaço representado pela cidade, é preciso considerar o elemento instituído na realidade do conteúdo como um elemento estético. Na obra de literária, considerada como artística, o conteúdo se apresenta formalizado, transferido por meio da forma, para um novo plano de sentidos e de existência, de modo que a cidade se realiza numa criação artística, esteticamente construída. Isso ocorre porque os poetas lidam com palavras e não com objetos concretos, lidam com representações e imagens formalizadas a partir do conteúdo.

Referências

- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BACHELARD, G. *A poética do devaneio*. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BAKHTIN, Mikhail. O problema da forma. In: *Questões de Literatura e de estética: A teoria do Romance*. São Paulo: Hucitec Annablume, 2002.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1995.
- COMPAGNON, A. *Literatura para quê?* Tradução Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: Literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- JOBIM, José Luís. O lugar da história da literatura. *Desenredo: Revista do Programa de Pós Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*. Jan. jun. de 2005.
- JORGE, J. G. de Araújo. Os Jogos Florais de Corumbá, e este livro. In: *Amor trovas vitoriosas*. Org. Helio Sachser de Souza, Corumbá: Gráfica Bandeirantes, 1968.
- MEDEIROS, Pedro de. *Poesias, crônicas, comentários*. Org. Djalma Medeiros. Corumbá: Gráfica São Domingos, 1967.
- MOISÉS, M. *A criação literária: poesia*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.
- PAZ, O. *O arco e a lira*. Tradução Ari Roitman e Paulina Wacht. São Pulo: Cosac Naify, 2012.

PONTES, José Couto Vieira. *História da literatura Sul-mato-grossense*. Campo Grande: Editora do escritor, s/d.

SANTOS, M. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. *Entretextos: crítica comparada em literaturas de fronteiras*. Campo Grande: Life editora, 2012.